



MINISTÉRIO DA SAÚDE
GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E PESQUISA EM SAÚDE – ESCOLA GHC
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL – CÂMPUS PORTO ALEGRE

CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM

A RELAÇÃO DO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO CUIDADO COM O
FAMILIAR DO PACIENTE PEDIÁTRICO INTERNADO

MICHELE MILITINO BRAGA

ORIENTADOR: MICHELE DA ROSA FERREIRA

PORTO ALEGRE

2016



MICHELE MILITINO BRAGA

A RELAÇÃO DO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO CUIDADO COM O FAMILIAR
DO PACIENTE PEDIÁTRICO INTERNADO

Relatório apresentado como pré-requisito de conclusão de Curso Técnico em Enfermagem, Escola GHC.

Orientador Professor: Michele Da Rosa Ferreira.

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me abençoar com esta grande oportunidade de cursar Técnico em Enfermagem, um sonho muito antigo que foi concretizado muitos anos depois. Quando colocamos os nossos sonhos nas mãos de Deus, temos a força e a fé necessária para irmos à luta na realização de nossos objetivos.

Agradeço a minha família que são os meus pais José Luiz e Aparecida e meu irmão Michel que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todos os momentos.

Agradeço a todos os grandes professores por transmitirem seus conhecimentos com amor pela Enfermagem e inestimável competência.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do Curso Técnico em Enfermagem tem como objetivo relatar a minha experiência como aluna da Escola do Grupo Hospitalar Conceição, visando enfatizar a importância do profissional do Técnico em Enfermagem no cuidado com o familiar do paciente pediátrico, oferecendo atenção e empatia durante o período de internação e não visando apenas o paciente e sua doença. É muito importante a relação entre o profissional e a família, que além de observar a conduta do profissional, necessita de atenção por conta de seu estado emocional abalado. Ressalto a importância em manter esse olhar humanizado para com o familiar do paciente pediátrico. Esta vivência em campo de estágio ocorreu no 2º semestre do Hospital da Criança Conceição.

LISTA DE ABREVIATURAS

GHC Grupo Hospitalar Conceição

HCC Hospital da Criança Conceição

SUS Sistema Único de Saúde

UBS Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	7
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
REFERÊNCIAS.....	11

1 INTRODUÇÃO

Venho por meio deste relato abordar uma das vivências que mais me chamaram a atenção, por se tratar da relação com o familiar do paciente. Tem como objetivo enfatizar a importância do Técnico em Enfermagem quanto ao cuidado com o familiar do paciente pediátrico.

Relacionando a teoria vista em aula com a prática vivenciada no campo de estágio, foi possível observar e compreender melhor a importância em comunicar-se com o familiar do paciente, visando um tratamento humanizado e de qualidade.

O estágio ocorreu no 2º semestre, do Curso Técnico em Enfermagem, no 4º andar no Hospital da Criança Conceição (HCC).

O Curso Técnico em Enfermagem da Escola GHC está situado na Avenida Francisco Trein, nº. 596 - Cristo Redentor, Porto Alegre – RS. Em parceria com o Instituto Federal do Rio Grande do Sul, IFRS.

A escola oferece aos alunos uma visão rica e ampla voltado aos princípios e diretrizes do SUS.

O GHC está vinculado diretamente ao Ministério da Saúde, sua estrutura é reconhecida em âmbito nacional formando a maior rede pública de hospitais no Sul do país, com atendimento 100% SUS.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O início da experiência deste relato surge da oportunidade em poder acompanhar e observar um pouco da rotina de um paciente internado há cerca de uma semana.

O paciente é um lindo garotinho de dois anos, muito esperto, falante, cantava e brincava, isso acabou chamando a atenção e despertando a simpatia de todos, inclusive a minha, pois era uma criança adorável. Então, fui até o leito em que o menino estava, cumprimentei a mãe e comecei a conversar com o garotinho que estava pintando desenhos e comecei a pintar junto com ele. Dirigi-me a mãe e comecei a fazer algumas perguntas, há quanto tempo eles estavam no hospital e o que ele tinha. Foi então que a mãe começou a me explicar que ele era portador da Síndrome Nefrótica.

A Síndrome Nefrótica é caracterizada, fundamentalmente, por uma proteinúria importante, resultado de algum distúrbio da função de barreira da parede capilar glomerular, que normalmente impede a passagem de proteínas séricas para o espaço urinário (BARROS et al, 1994, p. 55).

O menino atualmente está com dois anos e nove meses. A mãe descobriu a doença quando seu filho estava com dois anos e cinco meses, quando percebeu que a criança inchava demais, principalmente no rosto e pálpebras. Levou ao hospital e depois de muitos exames descobriu que era portador de Síndrome Nefrótica. No início ela ficou assustada, pois não sabia nada sobre o problema. A mesma relata que teve uma gestação tranqüila e sua primeira gestação, cujo filho hoje tem 14 anos, não teve nenhum problema. Não há casos da patologia em sua família. Desde sua descoberta, foram quatro internações, onde esta mãe ficava por semanas. Então ela foi pesquisar sobre esta enfermidade e descobriu que na UBS do bairro em que reside, existe um grupo de mães cujos filhos são portadores da Síndrome Nefrótica.

Considero importante saber que existe um grupo de apoio voltado para as mães cujos filhos são portadores da Síndrome Nefrótica. É um grande incentivo no cuidado ao familiar do paciente pediátrico, pois tem como objetivo oferecer apoio ao familiar e informações sobre a patologia, tratamento, cuidados e a troca de informações e experiências com outras mães.

Os grupos promovem a educação em saúde, a troca e o apoio entre os participantes e profissionais. Para isso, necessitam de investimento como local e disponibilidade dos profissionais, bem como divulgação para a comunidade.

A maior angústia dessa mãe era lidar com a incerteza. Saber se o seu filho será ou não curado, já que na infância há 80% de chances de cura, caso contrário terá que se submeter a um tratamento com medicamentos e cheios de restrições por toda a sua vida. O que mais me chamou a atenção, foi que esta mãe me explicava tudo o que eu perguntava para ela com paciência e sorriso nos lábios, parecia que não conversava há dias com alguém que realmente demonstrasse interesse em ouvir suas lutas e anseios.

Acredito que esta troca teve contribuições muito positivas tanto para a mãe, quanto para mim.

A Enfermagem caracteriza-se pelo cuidar do indivíduo, da família e da coletividade. É uma profissão com potencial de produzir transformação das realidades individuais e coletivas e, portanto, das representações que o homem tem do mundo e da sociedade em que vive oportunidade única de colaborar para o bem-estar da sociedade. (SILVA, 2004, p.148).

Como preconizado à assistência em enfermagem não está relacionada apenas a medicar, alimentar, trocar curativos. O cuidado integral envolve a comunicação entre o paciente e seus familiares, um ato de respeito e consideração por quem também passa por angústias muitas vezes até maiores do que o próprio ser internado.

Nos dias de estágio, na sala onde permaneci havia cerca de dez leitos. Cada técnico de enfermagem ficava responsável por cinco leitos. Embora, algumas vezes o setor estivesse tranquilo, não vi interação entre técnico e familiar. Em minha opinião, o técnico em enfermagem deve desenvolver um olhar mais humanizado, a fim de manter uma comunicação mais aberta com as muitas mães ali presentes, já que as mesmas contribuem muito no cuidado, como banho e alimentação, por exemplo.

Para Wright e Leahey (2002), a intervenção da família no cuidado com paciente, devem ser propostas e incentivadas pela equipe de enfermagem, pois tem como objetivo promover, melhorar e facilitar o trabalho clínico junto às famílias. É importante a equipe de enfermagem oferecer informações e opiniões, estimular o apoio da família, incentivar para que os membros da família sejam cuidadores.

Acredita-se que as equipes de enfermagem podem apenas *propor* intervenções à família.

Não podemos esquecer que o familiar está abalado emocionalmente, muitas vezes até estressado por estar há dias, semanas ou até meses em um hospital, onde não existe o conforto de sua casa. Mas tão importante quanto à interação com o paciente é também a interação com o seu familiar. Conversar com a mãe/ e ou responsável que por conta do longo período de internação, está sob stress e fadiga, são de extrema importância.

Para Wright e Leahey (2002), acredita-se que é de responsabilidade da enfermagem facilitar a mudança em colaboração com cada família. Facilitar a mudança no sentido da comunicação e em ser hábil com o familiar. E que existe a necessidade da auto-avaliação para que o profissional da enfermagem reconheça sua responsabilidade no trato com a família.

Havia algumas mães e pais mais fechados, de poucas palavras, lembrando que é uma boa oportunidade para tentar uma aproximação e quebrar o gelo. Sempre respeitando a personalidade e o momento de cada pessoa.

A enfermagem é a arte e a ciência do cuidar, cuidar de pessoas. E para que isso seja viável é necessário um processo de interação entre quem cuida e quem é cuidado, é necessária troca de informações e de sentimentos entre estas pessoas. (SILVA, 2004, p.155).

Conforme Ribeiro e Rocha (2007), as reações da família variam de acordo com a severidade da condição da criança, das demandas no seu manejo e da quantidade de suporte disponível. E que o próprio cuidado pode ser encarado como um diálogo. Pois o diálogo com as famílias é a primeira condição para a compreensão e também para o cuidado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os dias de estágio, observo que há uma parcela de profissionais que por algum motivo que desconheço, evitam um contato mais próximo com o paciente e sua família, mantendo certo distanciamento. Conforme observado nesta vivência de estágio, observo que existe uma parcela de profissionais que talvez por terem receio em se envolver emocionalmente, evitam um contato mais próximo preferindo a distância. Porém o profissional é constantemente observado pelo familiar. Considero importante agregar a família quanto aos conhecimentos sobre os procedimentos e cuidados com o paciente. Principalmente as mães, pois em sua maioria são elas que estão presentes na rotina dos filhos internados e são de extrema importância. Traz muitos benefícios e evita um trauma maior à criança hospitalizada.

Portanto, a comunicação entre a equipe e a família deve ser satisfatória, pois isso gera confiança e a segurança. Se nós profissionais da enfermagem tivermos empatia e humanização no cuidado com a família, certamente seremos capazes de transpor barreiras e abrir portas facilitando o trabalho onde o paciente, o familiar e a equipe de enfermagem serão beneficiados.

A experiência vivenciada no estágio contribuiu para que eu pudesse perceber a importância dos profissionais e futuros profissionais da enfermagem em desenvolver esse olhar humanizado e sempre ter mente: Cuidar como se estivesse cuidando de seu próprio familiar.

REFERÊNCIA

BARROS, Elvino et al. **Nefrologia**: rotinas, diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. **Quem somos**. 2016. Disponível em: <<http://www.ghc.com.br/default.asp?idMenu=institucional>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

RIBEIRO, Rosa Lúcia Rocha; ROCHA Semiramis Melani Melo. **Enfermagem e famílias de crianças com síndrome nefrótica**: novos elementos e horizontes para o cuidado. **Texto & Contexto- Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 1, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SILVA, Maria Júlia Paes. **Qual o tempo do cuidado?** São Paulo: Loyola, 2004.

WRIGHT, Lorraine M.; LEAHEY, Maureen. **Enfermeiras e famílias**. 3. ed. São Paulo: Roca, 2002.